

O PENSIONATO HEGER NA FORMAÇÃO LITERÁRIA DAS IRMÃS BRONTË

Profa. Dra. Daise Lilian Fonseca Dias (UFCG)

As irmãs Brontë (Charlotte, Emily e Anne) são três das mais importantes escritoras inglesas. Em busca de satisfação profissional e financeira, as três jovens decidiram abrir uma escola para moças. Para isso, todavia, precisavam qualificar-se melhor e, com a ajuda financeira de uma tia, Charlotte (1816-55) e Emily (1818-48) viajaram para Bruxelas em 1842, com o objetivo de estudarem apenas por seis meses no Pensionato Heger, enquanto Anne (1820-49) ficaria em casa cuidando do pai e do único irmão, Branwell.

No pensionato Heger, as duas jovens se destacavam das demais, sobretudo pela idade “avançada,” ambas já haviam passado dos 20 anos; também por serem protestantes, visto que a cultura dominante em Bruxelas era a católica; por fim, por serem provincianas, elas nasceram e viveram em uma região isolada no norte da Inglaterra. As experiências que as jovens tiveram no pensionato, ao passo que ampliaram seus horizontes para diversos autores europeus e para novas formas de pensamento, também serviram para acentuar suas diferenças e individualidades. Assim, ao invés de se adaptarem à maneira continental, Charlotte e Emily tornaram-se mais conscientes de quem eram e mais assertivas quanto a isso, definindo as vozes que falariam tão fortemente em seus romances (WHITE, 1998).

O processo de autoafirmação das irmãs Brontë no Pensionato Heger pode ser percebido quando se compara os primeiros escritos de Charlotte com aqueles posteriores à experiência em Bruxelas, de modo que os anos de 1842 e 43 foram cruciais para o seu desenvolvimento como escritora, uma vez que aprendeu a editar seus próprios trabalhos e, através da disciplina de pensar em uma língua estrangeira, aprendeu a se concentrar em atingir clareza tanto na fala quanto na escrita. Com relação à Emily Brontë, sua prosa da juventude, escrita antes dos estudos no pensionato, não sobreviveu, o que dificulta uma compreensão mais apurada acerca de como escrevia, embora sua poesia permita especulações a este respeito.

De início, as irmãs Brontë se concentraram em estudar francês, alemão e desenho; Emily, por exemplo, teve aulas de música com os melhores professores da Bélgica. Frank (1990) afirma as duas irmãs aproveitavam as horas vagas para terem aulas extras,

demonstrando um apego aos estudos não comum às demais jovens no pensionato, visto que ambas estavam, pela primeira vez, tendo acesso a um ensino de alta qualidade, diferente das escolas precárias, para crianças muito pobres, nas quais haviam estudado na Inglaterra.

O pensionato era administrado pelo professor Constantin Heger e sua esposa, Zoe. Ele era disciplinado e inspirava as alunas. Um elemento chave para o método de ensino dele era a imitação. Heger encorajava as alunas a estudar os métodos pelos quais os autores atingiam seus efeitos, para então, tentarem reproduzir tais efeitos em seus próprios escritos, embora, ao seu modo, ele achasse que encorajava espaço para autoexpressão. Heger enfatizava a importância de se ter uma técnica antes mesmo de se produzir arte. Ainda assim, apesar de acreditar que encorajava a individualidade na escrita, a linha entre a figura de professor e a de amigo, por vezes, se confundia, o que incomodava, sobretudo, à Emily (WHITE, 1998). Além disso, ele não tinha idéia de que as duas jovens escreviam prosa e poesia desde a infância.

É importante lembrar que os conhecimentos adquiridos ainda na infância pelas crianças Brontë contrastavam com o que corriqueiramente era visto no processo educacional das jovens inglesas, por exemplo, da primeira metade do século XIX, especialmente aquelas de um nível social tão baixo quanto o de Charlotte, Emily e Anne. Numa época em que as filhas de pastores pobres como Patrick Brontë eram mantidas em uma condição de docilidade e ignorância - com exceção do tipo de conhecimento que lhes era permitido à guisa de informação básica - é notável a gama de informações obtidas pelas jovens desde a mais tenra idade, graças ao livre acesso à biblioteca do pai.

Dentre os autores mais lidos pelas irmãs Brontë desde a infância, alguns deles são: Milton, Bunyan, Byron, Shakespeare, Goldsmith, Pope, Scott, Wordsworth, Shelley, dentre outros, além da ficção gótica de diversos autores. Outra fonte valiosa de leitura a qual elas tiveram acesso desde cedo foram algumas das revistas mais importantes em circulação na Inglaterra à época, a exemplo da *Fraser's* e da *Blackwood's Magazine*. Através de jornais, como o *Leed's Mercury*, elas tiveram acesso semanal aos desdobramentos do império inglês e da revolução industrial, dentre outros assuntos dos mais debatidos à época.

Quando se estuda os ensaios em francês de Charlotte e Emily Brontë, produzidos no Pensionato, percebe-se que Emily já havia desenvolvido uma maneira disciplinada e lógica de pensar, mas segundo as cartas delas e os relatos de conhecidos para Gaskell (2005) - a primeira biógrafa das irmãs Brontë - a jovem pupila frequentemente desafiava o julgamento

de Heger e sua maneira de ensinar. Frank (1990) comenta que desde a primeira aula Emily confrontou o professor acerca dos seus métodos de ensino. Ela não via nada de bom no processo de imitação propostos por ele, especialmente porque ao adotar tal prática, elas perderiam a originalidade de pensamento e de expressão. Charlotte, por sua vez, seguia à risca o método de ensino de Heger, mesmo inicialmente tendo ficado incomodada com a idéia de submeter-se a ele, visto que estava habituada a ser professora e governanta - o que lhe conferia certo poder a autoridade - e não aluna.

Quanto aos ensaios de Emily, eles não apenas impressionavam Heger, mas o perturbavam. Ao passo que Charlotte seguia suas orientações e produzia imitações sem inspiração dos modelos apresentados por ele, Emily, por sua vez, abandonava o conjunto de regras propostas pelo professor, e o deixava chocado com o conteúdo pessimista, herético e misantropo dos seus ensaios. Em “Le chat” (o gato), ela elogia os gatos porque os considera semelhantes aos humanos por serem ingratos, hipócritas e cruéis, mas também relata a depravação da cultura humana. Ela conclui este ensaio com a desagradável imagem de um gato com a metade do rabo de um rato pendurado em sua boca. Em “L’Amour filiar” (o amor filial), Emily Brontë critica a idéia de punição da Divindade e a humanidade. Em “Le papillon” (a borboleta), ela afirma que o universo é uma vasta máquina construída apenas para produzir o mal. Davies (1999) reproduz na íntegra “Le chat” e “Le papillon” tanto em francês quanto na tradução para o inglês.

Os ensaios escritos por Emily Brontë em Bruxelas mostram o esforço de uma mente que não se limitou à aquisição mecânica do francês. Apesar dos constantes erros gramaticais, uma vez que seu comando daquele idioma era inferior ao de Charlotte, os ensaios dela deixavam Heger estarecido. Ele ficava impressionado principalmente pela mente original e desafiadora daquela aluna. Quanto ao aspecto desafiador de sua personalidade, Emily o explicita em um de seus poemas tardios: “Eu caminharei por onde minha natureza me guiar:/Me angustia escolher um outro guia” (cf. FRANK, 1990, p. 171; tradução nossa).

Após a morte de Emily, Heger chegou a fazer um comentário - que se tornou famoso - para Gaskell (2005, p. 176; tradução nossa), sobre a aluna: ela tem “[...] a mente de um homem [...] poderia ter sido um grande navegador [...] seu forte desejo imperioso nunca se deixaria assustar pela oposição ou dificuldade [...]” Heger achava que Emily “[...] tinha uma

mente para a lógica, e uma capacidade de argumentação incomum em um homem e raro, de fato, em uma mulher” (cf. FRANK, 1990, p. 166; tradução nossa).

A maneira de Heger perceber Emily Brontë ilustra um tipo de pensamento comum acerca das mulheres na Era Vitoriana, sobretudo no que diz respeito a uma jovem reclusa e que estudou em escolas de baixa qualidade. As palavras dele, quando se pesquisa nas biografias da jovem escritora, sugerem que ele a percebia através de um duplo estereótipo, uma vez que a enxergava como provinciana e como uma espécie de gênio feminino. No caso citado acima, Heger deixa claro que a inteligência de Brontë não era algo comum em mulheres, por isso a compara a alguém que supostamente deteria as qualidades que ele percebeu como excepcionais: um homem; o que ilustra seu pensamento tipicamente vitoriano e patriarcal.

Os ensaios de Emily Brontë mostram uma mente atenta ao desenvolvimento e à argumentação apesar de expressar-se em outro idioma. Neles se percebe um intelecto surpreendente rompendo com impedimentos de uma língua estrangeira, tendo que moldar e adaptar seu pensamento original a expressar-se em outra língua. Na verdade, escrevendo após o lançamento do primeiro livro publicado pelas irmãs Brontë, *Poems by Currer, Ellis and Acton Bell* (1846) – sendo Currer, Ellis e Acton os pseudônimos de Charlotte, Emily e Anne, respectivamente - e dos primeiros romances das três jovens, a saber: *Jane Eyre*, *O morro dos ventos uivantes* e *Agnes Grey*, Charlotte chegou a escrever a respeito da irmã como ensaísta (uma prática à qual Emily parece ter se debruçado apenas durante os estudos no Pensionato Heger):

Aqui e acolá ele (Ellis) aborda idéias que me surpreendem por serem muito mais desafiadoras e originais do que práticas; seus pensamentos estão muito além dos meus, mas certamente eles com freqüência seguem um caminho diferente do meu. Eu devo dizer que Ellis não será visto em todo o seu potencial enquanto não o analisarem como ensaísta (cf. DAVIES, 1999, p. 47; tradução nossa).

Essa citação mostra Emily Brontë como idealista e trai a própria Charlotte que se mostra incapaz de fazer a irmã mudar de idéia. Por outro lado, também revela a importância que Emily dava às idéias. Como “ensaísta”, ela enveredaria por um caminho distante do domínio do romance onde sua irmã se sentia mais à vontade, mas também a colocaria em uma posição

avant garde juntamente com uma linha exclusiva de pensadores homens, tais como, Bacon, Montaigne, Johnson, Pascal, e Schlegel (DAVIES, 1999).

A citação acima também levanta questões acerca de quais seriam as idéias desafiadoras e originais de Emily Brontë. Os pesquisadores das irmãs Brontë até agora não conseguiram descobri-las. Davies (1999), todavia, afirma que há, porém, quem defenda a idéia de que Emily estivesse se movendo em direção a uma posição política radical e revolucionária antes de morrer. Esta linha de raciocínio pode ser verificada em Dias (2011), a qual analisa aspectos subversivos do conteúdo e da forma das obras da autora em tela, seja no seu romance, *O morro dos ventos uivantes* (1847), seja na sua poesia, uma vez que nos últimos anos de vida, a jovem Brontë havia se dedicado a escrever poesia criticando as guerras e as ideologias - de religião, raça, classe, gênero - européias.

É importante destacar que Emily Brontë era engajada em um diálogo frequente com os assuntos mais contemporâneos da sua época, incluindo a zoologia e a teologia. Enquanto a autora escrevia seu romance, Charles Darwin pesquisava acerca do que defenderia em *A origem das espécies* (1859). As conclusões dele acerca do relacionamento entre o *homo sapiens* e os animais, bem como acerca do fato de que em um mundo de predadores espécies contendem pela sobrevivência não estavam disponíveis para a jovem romancista, mas vinham sendo debatidas nas sociedades européias desde o final do século XVIII. O próprio avô de Charles Darwin, por exemplo, Erasmus Darwin, apresentou teorias evolucionistas em seu texto *Zoonomia e Patologia*, e em *The Temple of Nature*. Um obra contemporânea de Brontë, *Vestiges of the natural history of creation* (1844), de Robert Chambers, tratava da evolução das espécies, e causou furor à época da publicação.

Isto posto, deve-se considerar outros aspectos dos ensaios produzidos por Brontë em Bruxelas. “Le papillon,” por exemplo, descreve um universo baseado na lei da destruição universal. Seus *insights* parecem ter como base trabalhos de campo, ou seja, experiências empíricas de observação diária. Esse ensaio evidencia quão familiar Brontë estava com evidências e debates científicos sobre a competição sangrenta entre espécies, incluindo a humana.

Já em *O morro dos ventos uivantes*, as espécies que se digladiam, na verdade, conforme defende Dias (2011), se configuram em colonizadores (os ingleses da obra em suas

relações com o estrangeiro de pele escura, Heathcliff) e colonizados (Heathcliff, na condição de o outro racial e religioso e, portanto, visto como inferior, que deve ser subalternizado - assim como as mulheres, oprimidas pelo patriarcado). Somando-se à questão da lei do mais forte, discutida no romance em tela, algumas das muitas outras preocupações da obra estão no relacionamento entre herança genética e condicionamento, bem como na questão da adaptação ao meio, a violência da ordem natural do mundo, e a competição entre homens por mulheres (DAVIES, 1999).

É importante destacar também que há uma linha de pesquisa extensa que tem estudado a influência de filósofos, poetas e poetas-filósofos alemães na obra de Emily Brontë, sobretudo em sua poesia. Tais estudos não se concentram apenas nos filósofos que ela leu antes da experiência no pensionato, como Goethe, mas nos que ela veio a ler no período em Bruxelas. É curioso, entretanto, que a mesma Emily que se opunha com veemência à certas influências, se deixava banhar à luz de outras mentes as quais ela julgava dignas de serem ouvidas e respeitadas.

Quanto à influência de pensadores alemães exercida sobre Emily Brontë, Gaskell (2005) escreve que mesmo após voltar para a Inglaterra, quem passasse pela cozinha veria a jovem estudando alemão. Aquele idioma fazia parte do curriculum do Pensionato Heger, e a escola que as irmãs Brontë se prontificaram a abrir - fato que não se concretizou - incluía tal língua em sua matriz curricular. Entretanto, alemão não era uma aquisição social importante para as jovens da época, quando comparada com o francês. Por outro lado, saber aquele idioma permitira a Emily não apenas ler Goethe ou Schiller no original, mas também os contos e poemas de Novalis, Schlegel, bem como os filósofos românticos alemães.

As fontes consultadas acerca das irmãs Brontë não revelam se os estudos de alemão de Emily a permitiram ler as obras mais importantes em discussão na época no idioma original, mas defendem que a jovem, de fato, não ficou imune aos pensadores alemães. Mesmo assim, o interesse de Emily neles não deve ter surgido exclusivamente na época em que estudou no Pensionato Heger, sobretudo porque importantes escritores ingleses, tais como, Carlyle e DeQuincy trabalharam para popularizar o romantismo alemão na Inglaterra através de uma série de ensaios que saíam, por exemplo, na revista favorita da família Brontë, a *Blackwood's Magazine*.

É preciso considerar que Charlotte e Emily estudaram em Bruxelas em uma época em que a influência da escola alemã estava a pleno vapor nos países de língua francesa da Europa. Na Inglaterra, entretanto, compreender e apreciar as implicações do subjetivismo, dualismo e idealismo de Schelling, por exemplo, foi um interesse um pouco mais tardio e que chegou mais lentamente comparando com outros países da Europa. Contudo, os três itens mencionados acima são elementos significativos da prosa de Brontë, como mostra *O morro dos ventos uivantes*, e foram percebidos por Cecil (1958) e Woolf (1996) no início do século XX, quando a obra já havia ganhado notoriedade entre os críticos.

Considerando a inteligência de Emily Brontë, seu poder para digerir e concentrar informações, compreendendo o essencial e reproduzindo-o de forma apropriada, e tendo-se em mente *O morro dos ventos uivantes*, observa-se que a autora se mostra como uma das poucas romancistas de sua época a ter uma compreensão completa de uma filosofia dialética. Além disso, Davies (1999) defende que o dualismo sistemático que estrutura o romance em questão está ligado a Schelling; a compreensão e aplicação da ironia romântica é elaborada a partir de Schlegel; a ênfase nos sonhos, desejo e *the Liebestod* vem de Novalis; a psicopatologia da dupla personalidade introduzida a partir de Schubert; a preocupação com a noite e com o inconsciente, lembram Novalis.

No entender de Davies (1999), a compreensão da herança alemã de Brontë pode ser verificada pela tradução – umas das primeiras – do seu romance para o alemão apenas quatro anos após o lançamento da obra, sob o título *Wutheringshöhe* (1851), reforçando, inclusive, a hipótese da influência da música alemã em Brontë recebida na Bélgica. A ligação entre música e literatura em *O morro dos ventos uivantes* é possível, sobretudo porque Beethoven ainda dominava o universo musical de Bruxelas entre 1842 e 43.

Quanto à influência de Beethoven no romance mencionado, é correto supor que Brontë teve a chance de ouvir, sobretudo em Bruxelas, a *Segunda Sinfonia*, o *Egomont*, *Leonora' Overtures* e a *Eroica*, bem como a *Sétima Sinfonia*, por exemplo. Tais especulações de Davies (1999) são plausíveis, embora não haja registro oficial para validá-las. Entretanto, um fato merece destaque para dar suporte a tal hipótese: ao retornar para a Inglaterra, Brontë comprou um “Five-and-a-half octave piano” de dois pedais e uma antologia de oito volumes

de música para piano, *The musical library* (1844), na qual constam obras de Handel, Mozart e Beethoven. As anotações deixadas por Emily nesse livro indicam que este último era o seu compositor favorito.

A influência de Beethoven sobre Emily Brontë é há muito tempo conhecida. Críticos, tais como, Davies (1999), têm defendido que em *O morro dos ventos uivantes*, por exemplo, ela encontra-se presente, sobretudo no estilo, na textura e na visão apresentada nessa obra. A transposição dos movimentos musicais para o texto narrativo aconteceria na maneira em que Brontë orquestrou o tema, seguindo a *appassionata* até o desfecho em *pianíssimo*, levando o leitor ao silêncio final que sucede as últimas palavras do romance “[...] in that quiet earth” (BRONTË, 2003, p. 288). Outra possibilidade de validação para a influência de Beethoven sobre a obra de Brontë está no fato de que a conclusão daquele romance pode ser comparada às páginas finais da *Sonata Opus 111*, uma vez que há um desprendimento gradual de Heathcliff dos laços terrenos para um sentimento voltado para a “imobilidade” da eternidade (DAVIES, 1999).

É interessante destacar que, a visão popular acerca do quanto Emily Brontë era uma pessoa introvertida, mística e desajustada não têm permitido que se dê a devida importância ao fato de que ela estava engajada com os assuntos mais atuais e controversos da sua época e se posicionava contra o que discordava com vigor através dos seus ensaios, poemas e romance. Apesar da marginalidade de quem viveu em um espaço limitado, ela descarregava suas opiniões audaciosas no contexto cultural de sua época, e embora as contribuições que deu não tenham, de imediato, sido nem percebidas nem ouvidas claramente, em sua totalidade, elas não eram completamente periféricas, e apesar de serem, muitas delas revolucionárias e originais, tantas outras carregavam o frescor de preocupações contemporâneas.

Com relação à importância do Pensionato Heger para a obra de Charlotte Brontë, pode-se dizer que ela aconteceu de modo diferente daquela de Emily Brontë. Enquanto o pensamento europeu continental, bem como as técnicas de escrita aprendidas em Bruxelas contribuíram para as grandes características apresentadas por Emily em sua obra, no caso de Charlotte, foram as experiências pessoais de caráter emocional que deixaram marcas mais profundas, como o fato de ter se apaixonado pelo professor casado e dono do estabelecimento em que estudaram, Heger.

O primeiro romance que Charlotte Brontë escreveu, *The professor* (1855), por exemplo, foi escrito em 1846, dois anos após seu retorno de Bruxelas, de onde voltou doente de angústia pela rejeição do mentor. O material biográfico é transformado por ela em uma história de amor com final feliz, sendo esse *love affair* considerado o elemento mais importante da obra. Já em *Villette* (1853), o caso de amor entre a heroína e seu professor adquire mais profundidade, embora as principais características da obra sejam sua qualidade poética; o desenvolvimento orgânico da narrativa, e o desenvolvimento dos personagens - não a história de amor nele retratada (STEVENS, 2006).

Contudo, Gaskell (2005) optou por ignorar o papel vital de Heger para a vida e a obra de Charlotte por questões morais, de modo que as impressões da jovem Brontë acerca de Bruxelas, sua solidão e depressão, por exemplo, são postas na biografia escrita por Gaskell como resultantes do isolamento religioso e familiar; as cartas apaixonadas de Charlotte para Heger - ele não as respondeu - foram omitidas também nesse livro. Obviamente o viúvo de Charlotte, Arthur Bell Nicholls, assim como o patriarca Patrick Brontë, sem dúvida não permitiriam mancha na reputação daquela que, à época do lançamento da biografia, já era uma das autoras mais renomadas da Inglaterra. Somando-se a isso, impedimentos editoriais ligados à moral vitoriana também acrescentariam à censura de informações comprometedoras para a romancista, embora acredite-se que a amizade entre a biógrafa e Charlotte tenha sido o principal fator para as omissões mencionadas.

Stevens (2006) argumenta que críticos tais como Wilks reconhecem que o amor de Charlotte por Heger tornou-se a experiência principal por trás das suas maiores criações literárias. Um dos fatores que contribuiu para isso foi o fato de Heger ter sido o único homem que despertou em Charlotte sentimentos semelhantes aos que os heróis ficcionais que ela criou provocavam em suas primeiras heroínas.

Percebe-se que a importância – pouco estudada - das experiências vividas no Pensionato Heger para o desenvolvimento literário das irmãs Brontë foi maior do que aparentemente se imagina, mas ocorreu de forma distinta para Charlotte e para Emily. Ao passo que a primeira romanceou as experiências frustradas ali obtidas em sua obra, fazendo justiça poética aos seus anseios românticos, a segunda deixou-se influenciar pelas idéias efervescentes as quais teve acesso nos nove meses que passou em Bruxelas.

BIBLIOGRAFIA

- BENTLEY, Phillis. *The Brontës and their world*. New York: Charles Scribner's Sons, 1979.
- BRONTË, Emily. *Wuthering Heights*. New York: Bedford/St. Martin's, 2003 (Case Study in contemporary criticism, edited by Linda Peterson).
- CECIL, David. *Victorian novelists: Dickens, Thackeray, The Brontës, Mrs. Gaskell, Trollope, Eliot*. Chicago: The University of Chicago Press, 1958.
- DAVIES, Steve. *Emily Brontë: heretic*. London: The Women's Press, 1999.
- DIAS, Daise Lilian Fonseca. *A subversão das relações coloniais em O morro dos ventos uivantes: questões de gênero*. 2011. 282f. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- FRANK, Katherine. *A chainless soul: a life of Emily Brontë*. Boston: Houghton Mifflin Company, 1990.
- GASKELL, Elizabeth. *The life of Charlotte Brontë*. New York: Barnes & Noble Classics, 2005.
- GILBERT, Sandra; GUBAR, Susan. *The Norton anthology of literature by women: the traditions in English*. New York: Norton & Company, 1996.
- STEVENS, Cristina Maria Teixeira. Historiographic metafiction: a dialogue between the historical and the ficcional Charlotte Brontë. In: *Estudos Anglo-Americanos*. No. 29-30. 2005-2006. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG.
- WHITE, Kathryn. *The Brontës*. Gloucestershire: Sutton Publishing, 1998.
- WOOLF, Virginia. "Jane Eyre and Wuthering Heights." In: GILBERT, Sandra e GUBAR, Susan. *The Norton anthology of literature by women: the traditions in English*. New York: Norton & Company, 1996.